
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

AMANDA MIRANDA MOREIRA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: CONTRIBUIÇÕES
PARA PENSAR EM UMA EDUCAÇÃO
EMANCIPADORA**



Rio Claro
2012

AMANDA MIRADA MOREIRA

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR EM
UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA.

Orientadora: Laura Noemi Chaluh

:

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de licenciado.

Rio Claro
2012

370.71 Moreira, Amanda Miranda
M838p Práticas pedagógicas: contribuições para pensar em uma
 educação emancipadora / Amanda Miranda Moreira. - Rio
 Claro : [s.n.], 2012
 56 f. : il., fots.

 Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)
 - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
 Rio Claro
 Orientador: Laura Noemi Chaluh

 1. Professores – Formação. 2. Saberes docentes. 3.
 Emancipação. 4. Prática pedagógica. I. Título.

*Dedico este trabalho aos meus familiares,
por toda a presença, incentivo e
compreensão.
E à minha orientadora Laura Noemi
Chaluh, pelo carinho e dedicação .*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Sr. José P. Miranda e Sra. Maria de L. Miranda, pessoas extremamente importantes que estiveram sempre presentes em minha caminhada neste mundo, amparando-me nos momentos difíceis.

Ao meu Marido Rafael Soares Moreira, por todo o carinho, compreensão, apoio e, principalmente pela paciência e pela cumplicidade e companheirismo.

À minha querida orientadora Laura Noemi Chaluh quem me acolheu ao mundo universitário me proporcionando experiências enriquecedoras em minha formação. Por ela ter me feito acreditar na possibilidade de uma educação mais justa, humana e sensível.

A Camila Zanfelize por esta ter me feito acreditar na possibilidade de uma educação e uma escola melhor.

Aos meus amigos e companheiros de graduação: Silmara Santos, Joseano Moncaio Moraes, Fabiano da Rocha, Bruna Fabiane Baptistella, Letícia Leite Mattos, Raquel H., Helen L. por todas as vivências, troca de experiências, pelas conversas, pela amizade, pelos sorrisos e pelos momentos universitários.

A todos os integrantes do grupo de extensão “Diálogo e alteridade” pelas reflexões, pelas experiências, pela maneira rica e singular de pensar e olhar a educação.

Aos docentes e a todos que fizeram parte de meu processo de formação.

Enfim, à todos meus sinceros agradecimentos!

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é também onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as, em vez disso, com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDT, 1978, p. 247).

RESUMO

Esta pesquisa é parte do trabalho que desenvolvi como aluna pesquisadora ao participar do projeto de pesquisa “Prática pedagógica do trabalho coletivo na escola: resgate da narrativa e dos saberes dos professores”. O projeto foi desenvolvido em uma escola da rede municipal de Rio Claro (2010-2011). Estive inserida na escola no período de dois anos acompanhando semanalmente o trabalho pedagógico de uma professora. Ao longo desse período, seu olhar atento ao contexto social e às histórias de vida de seus alunos chamou minha atenção. Por este motivo, proponho desenvolver uma pesquisa qualitativa com o objetivo de analisar, a prática pedagógica de uma professora do Ensino Fundamental I e compreender em que medida suas práticas favorecem a emancipação dos alunos. Pretendo aprofundar o conceito de emancipação a partir da perspectiva teórica de Paulo Freire. Os dados serão obtidos a partir dos seguintes documentos: meus registros (caderno1-2010 e caderno2-2011), cartas elaboradas por mim e encaminhadas à professora, cartas escritas pela professora e dirigidas a mim, artigos produzidos pela professora e seus planos de trabalho. A pesquisa pretende contribuir com a legitimação dos saberes docentes produzidos no cotidiano escolar.

Palavras chaves: saberes docentes, emancipação, prática pedagógica.

ABSTRACT

This research is part of the work that I developed as a student researcher participating in the project "Pedagogical practice of group work at school: rescue of narrative and teachers' knowledge". The project was developed in a Rio Claro City Public school (2010-2011). I weekly attended that school for two years, following the pedagogical work of a teacher. During this period, her practices caught my attention, especially the way that she looked at the social context and the life stories of her students. For this reason, I propose to develop a qualitative research with the objective of examining the pedagogical practice of a elementary school teacher (initial series) and understand the extent to which her practices favor the emancipation of students. I intend to extend/apply the concept of emancipation from the theoretical perspective of Paulo Freire. The data will be obtained from the following documents: my records (notebook 1-2010 and notebook 2-2011); letters elaborated by me and sent to the teacher; letters written by the teacher and sent to me; articles produced by this teacher and her work plans. The research intends to contribute to the legitimacy of teacher knowledge in daily school.

Keywords: teacher knowledge, emancipation, pedagogical practice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1.....	12
1.1 Contextualização da escola.....	12
1.2 Entrada na escola.....	12
1.3 A parceria.....	14
CAPÍTULO 2.....	19
2.1 Porque emancipar?.....	19
2.2 Uma educação para a democracia.....	20
2.3 A lei e a emancipação.....	24
2.4 Tendências pedagógicas.....	27
CAPÍTULO 3.....	31
3.1 Construindo o conceito de emancipação.....	31
3.2 O homem e sua relação com o mundo e sua cultura.....	36
3.3 Práticas pedagógicas.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é parte do trabalho que desenvolvi como aluna-pesquisadora ao participar do projeto de pesquisa “Prática pedagógica do trabalho coletivo na escola: resgate da narrativa e dos saberes dos professores”¹. Este projeto foi desenvolvido em uma escola de ensino fundamental I da rede municipal de ensino de uma cidade do interior do estado de São Paulo (2010-2011). Ao longo desses dois anos desenvolvi uma pesquisa de Iniciação Científica com o auxílio do CNPq, tendo como foco algumas questões que surgiram a partir da minha inserção na escola.

O projeto de pesquisa referido acima tinha como principal objetivo a compreensão dos processos formativos que acontecem no cotidiano escolar, durante os encontros de formação continuada, que aconteciam no Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC).

A professora responsável pelo projeto de pesquisa², participava dos (HTPCs) quinzenalmente, sua participação nesses encontros objetivava a promoção do trabalho coletivo, a fim de levar os sujeitos que participavam desses encontros a exporem suas práticas pedagógicas, para assim refletirem sobre as concepções que norteavam seu trabalho. Esse espaço também era utilizado para leituras, discussões e reflexões de textos e também era um espaço para se discutir os acontecimentos cotidianos na escola (CHALUH, 2012).

Este projeto tinha também como foco a aproximação de alunos do curso de licenciatura plena em pedagogia com o cotidiano escolar. No ano de 2010 foram três alunos do 2º ano do curso de Pedagogia que acompanharam semanalmente o trabalho pedagógico de uma professora na sala de aula. A inserção dos alunos no ambiente escolar tinha como objetivo a iniciação destes a docência e a pesquisa (CHALUH, 2012), já no segundo ano o número de colaboradores se estendeu sendo ao todo 6 alunos.

¹ Projeto de pesquisa que contou com o auxílio financeiro do CNPQ (2010-2011), do Núcleo de Ensino /Pró-Reitoria da Graduação da UNESP (2010-2011) e da Pró-Reitoria de Pesquisa da UNESP (Edital Primeiros Projetos)(2010-2011).

² Profa. Laura Noemi Chaluh, professora do Depto. de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Biociências da UNESP (Rio Claro).

Como já referido, estive inserida na escola no período de dois anos acompanhando semanalmente o trabalho pedagógico da professora Camila³. No ano de 2010 acompanhei uma sala de quinto ano e em 2011 acompanhei uma sala de terceiro ano com a mesma professora. Ao longo do tempo, as práticas dessa professora foram chamando minha atenção por sempre levarem em consideração o contexto social e as histórias de vida de seus alunos. Para alguns autores como Leite (1996):

É impossível homogeneizar os alunos, é impossível desconsiderar sua história de vida, seus modos de viver, suas experiências culturais, e dar um caráter de neutralidade aos conteúdos, desvinculando-os do contexto sócio- histórico que gerou (p. 27).

Segundo Freire (1996) não podemos entender o ato de ensinar como um puro processo de transferência de conhecimento do ensinante para o aprendiz, sendo assim não existe ensinar sem aprender o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende:

Ensinar e aprender se vão dando de tal maneira, que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque observando a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para aprender ensinando-se, sem o que não aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos (FREIRE, 1996, p. 24).

Dessa forma devemos entender que o processo de ensino- aprendizagem só é significativo para os alunos quando estes aprendem participando e vivenciando sentimentos. O ato de ensinar não se resume apenas a respostas dadas e sim por meio de experiências proporcionadas, pelas ações, pelo cotidiano (LEITE, 1996).

Nesse sentido, estar em contato com essa professora me levou a refletir sobre a importância de se levar em consideração as experiências, o diálogo e a cultura dos alunos no momento do planejamento da ação pedagógica, por esse motivo este trabalho de conclusão de curso tem como objetivos:

Objetivo geral:

³ Agradeço a professora Camila por ter aberto as portas de sua sala e por ter me acolhido.

- Aprofundar e compreender o conceito de emancipação aplicado à educação a partir da perspectiva teórica de Paulo Freire.

Objetivos específicos:

- Analisar a prática pedagógica de uma professora do Ensino Fundamental I.
- Compreender que elementos da prática pedagógica indiciam uma educação que almeja a emancipação dos alunos.

Adoto neste trabalho uma metodologia de abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Faço a análise documental de uma série de documentos. Os dados serão obtidos a partir de: meus registros divididos em caderno 1 (2010), caderno 2 (2011), cartas elaboradas por mim e encaminhadas para a professora, cartas escritas pela professora e dirigidas para minha pessoa, cartas escritas pelos alunos, artigos produzidos pela professora, registros produzidos pós aula pela professora e bilhetes\cartas escritos alunos

Segundo Gil (2008) na pesquisa documental as fontes são diversificadas e dispersas, por um lado há os documentos de primeira mão (fontes primárias), que são aqueles que não receberam nenhuma análise ainda, entre estes estão documentos conservados de arquivos públicos; associações científicas; igrejas; sindicatos; partidos políticos; cartas pessoais; diários; fotografias; gravações; memorandos; regulamentos; ofícios; boletins entre outros. E, de outro lado existem os documentos de segunda mão que são aqueles que já foram analisados como: relatórios de pesquisa; relatórios de empresa, tabelas estatísticas. Os documentos utilizados nessa pesquisa podem ser agrupados tanto em fontes primárias já que, como explicitado, serão analisados os cadernos de registros; cartas e planos de trabalho da professora e como fontes de segunda mão já que serão analisados os artigos produzidos pela professora.

Ainda vou realizar uma pesquisa bibliográfica para o aprofundamento do conceito de emancipação a partir da perspectiva teórica de Paulo Freire.

Como considerado por Gil (2008) a pesquisa bibliográfica é um tipo de pesquisa científica que tem como objetivo chegar a novas conclusões acerca do material já elaborado sobre determinado assunto, examinando-o sob nova

perspectiva e/ou abordagem. Neste tipo de pesquisa não há um roteiro único e/ou fixo para sua realização e sim sugestões de etapas.

A primeira etapa está relacionada com a escolha do tema de pesquisa; a segunda com levantamento bibliográfico preliminar sobre o tema a ser pesquisado; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; identificação das fontes (livros, obras de referência, periódicos científicos, teses e dissertações, anais de encontros científicos e periódicos de indexação e resumo); localização das fontes; obtenção do material; leitura do material encontrado; construção lógica do trabalho e posteriormente a redação do relatório ou trabalho final .

Explicito agora, mais detalhadamente cada um dos capítulos:

O capítulo 1 tem como principal objetivo apresentar como se deu minha entrada na escola, desta forma escrevo qual era meu papel na sala de aula, quais minhas participações nesta, quem era a professora a qual acompanhei no período de 2 anos e como foi estabelecida uma parceria com esta professora.

O capítulo 2 tem como principal objetivo discutir a importância de uma educação que favoreça a emancipação dos educandos em nossa sociedade atual; discutir quais os pontos em que a Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e a constituição Federal de 1988 citam de alguma forma elementos relacionados com uma educação emancipadora e, ainda, apresento as tendências pedagógicas.

O capítulo 3 será dividido em duas partes. Na primeira parte deste capítulo será discutido o conceito de emancipação a partir de Paulo Freire. Na segunda parte deste capítulo, relaciono as práticas pedagógicas com os conceitos apresentados na primeira parte deste capítulo, tendo com questão norteadora Quais os elementos das práticas pedagógicas indiciam uma concepção de educação que almeja a emancipação dos educandos?

CAPÍTULO 1

1.1 Contextualização da escola

Este capítulo tem como objetivo contextualizar a escola na qual me inseri como aluna-pesquisadora, como também socializar minha entrada no cotidiano escolar e os caminhos percorridos nessa inserção.

A escola referida pertence à rede municipal de ensino de Rio Claro e atende o ensino fundamental I. A escola está localizada no centro da cidade, portanto seu público pertence aos bairros próximos a ela.

Fisicamente a escola é composta por cinco salas de ensino, uma biblioteca com recurso multimídia, dois sanitários para os alunos, sala de dentista, cozinha, refeitório, parque, sala de professores, sala pedagógica e secretaria. Pelo fato de ser uma escola pequena não há um local dentro da escola destinado às aulas de educação física, portanto foi feito um acordo com uma igreja localizada ao lado da escola, visando à utilização de sua quadra para a realização das aulas de educação física.

No decorrer do ano são realizados vários projetos na escola entre eles estão: Festa da Primavera, Festa junina, Programa Proerd (Programa de prevenção ao uso de drogas e bebidas alcoólicas), Semana da criança, Casa Aberta (exposição de trabalhos) também ocorreram comemorações menores no Dia das Mães, na Semana do Folclore e no Dia dos Pais. Em todas as festividades há plena participação tanto dos alunos quanto dos funcionários, pais, professores e equipe escolar.

1.2 Entrada na escola

Como já explicitado, minha inserção no cotidiano escolar se deu por meio do projeto de pesquisa “Prática pedagógica do trabalho coletivo na escola: resgate da narrativa e dos saberes dos professores”, através desse projeto fiquei dois anos

(2010-2011), acompanhando o trabalho pedagógico de uma professora, como aluna-pesquisadora. O trabalho que desenvolvi nessa escola estava vinculado a meu projeto de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

Nesse transcurso de tempo em que passei inserida no cotidiano escolar desenvolvi algumas atividades na escola tais como acompanhamento do trabalho pedagógico da professora em sala semanalmente, em um 5º ano no período da manhã (2010) e em uma 4ª série no período da tarde (2011).

Observava as aulas; registrava e sistematizava as observações, impressões e diálogos estabelecidos com a professora da sala e os alunos. Muitas vezes colaborava e participava das atividades propostas pela professora na sala de aula e no planejamento do trabalho pedagógico quando solicitado pela professora. Colaborei inúmeras vezes com atividades de reescrita, auxiliava em conjunto com a professora pequenos grupos na reorganização de textos, na escrita correta das palavras.

A princípio meu vínculo com o projeto de pesquisa mencionado acima se deu pela necessidade que tinha de conhecer mais profundamente a escola e o que nela acontecia, não via sentido em estudar inúmeras teorias, sem o contato com o real, com o que realmente acontecia no cotidiano escolar.

Falar sobre a escola para mim tinha outro sentido e por esse motivo sentia que minhas reflexões acerca da escola eram superficiais pela falta de contato que ainda tinha com a realidade. Minha vontade era a de falar e refletir da escola como alguém que participava de seu cotidiano, não como alguém de fora, como diria (LARROSA, 2002), eu queria “saber pensar a educação a partir do par experiência/sentido” (p. 20). Por esse motivo me lancei a escola a fim de experienciar, ou seja, de me deixar tocar pelo que nela acontecia. Entendo por experiência como aquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p.21).

Entrei na escola a fim de tentar entender suas relações suas dificuldades, colaborar, aprender e não com a pretensão de criticar, avaliar ou levantar patologias sobre a escola, minha preocupação era a de entrar na escola e olhar o que nela

existia, o que nela acontecia. E aos poucos fui me convencendo de que realmente sabia muito pouco sobre a vida na escola, como citado por (EZPELETA; ROCKWELL, 2007):

Se observador não pretende meramente confirmar o que já pressupunha a respeito da escola, ele se espanta quando se depara com situações inexplicáveis por si mesmas, sem relação com o que espera que aconteça. A alta frequência e diversidade destas situações ajudam a convencê-lo de que sabe bem pouco sobre a vida da escola (p.16).

Confesso que por muitos momentos me sentia “perdida” sem reconhecer meu papel de aluna-pesquisadora, sem saber o que eu deveria efetivamente fazer na escola, qual deveria ser meu comportamento, pois por muitos momentos era confundida pela equipe escolar com estagiária; futura professora; aluna.

Hoje percebo que me abri totalmente a todas experiências possíveis que poderia me acontecer na escola e foi graças a essa abertura que foi possível estabelecer uma parceria com a professora, com a professora Camila .

1.3 A parceria

Ao entrar na escola assumi a prática de registrar as coisas que aconteciam durante o período que permanecia na escola, acompanhando o trabalho da professora Camila. Esses registros tinham o caráter de “imortalizar” meus pensamentos, percepções e muitas vezes diálogos estabelecidos pela professora com os alunos ou vice-versa, que não poderiam ser guardados e confiados apenas na memória, devido a sua importância para minhas reflexões.

Em um trecho extraído do meu primeiro registro, ficam evidentes as minhas expectativas positivas acerca da escola. Trago um trecho de um registro que mostra que no início a professora Camila se encontrava um pouco apreensiva com minha entrada em sua sala :

Registro do dia 16/03/2010- caderno 1.

Minhas primeiras impressões da escola foram boas, gostei bastante do fato de ser uma escola pequena, pois acredito que a união possa ser mais forte, a equipe escolar foi bastante receptiva e acredito que a professora a qual vou acompanhar poderá ajudar bastante em meu desenvolvimento como profissional da educação, acredito e aposto nisso por vários motivos entre eles o fato desta apesar de ser mestre ter pouca experiência em sala de aula, consegui perceber isso quando em

nossa breve conversa de apresentação a professora (Camila) me perguntou se eu já trabalhava com educação na sala de aula e senti que quando respondi que não ela parecia aliviada pois o fato de não ter experiência tornaria menos provável um julgamento positivo ou negativo de suas praticas dentro da sala de aula.

Com o transcorrer do tempo a nossa relação ficou mais intensa dando origem a uma parceria que foi marcada por minha participação no planejamento de uma atividade.

Apresento aqui o que considero que tenha sido o início de uma parceria entre nós duas. Aconteceu no mês de setembro.

Como todas as terças-feiras e algumas sextas-feiras daquele ano (2010) a professora Camila me esperava na sala dos professores para juntas caminharmos até a sala do 5º ano. Já estávamos no mês de setembro, ao entrar na sala logo notei que sua expressão não era das melhores, então no caminho à sala de aula perguntei se estava tudo bem com ela e logo ela foi me contando.

Contou que estava preocupada, porque estava trabalhando naquele bimestre alguns sistemas do corpo humano, reprodução, e havia falado e mostrado aos alunos algumas coisas sobre célula, mas que sentia que o conhecimento trabalhado segundo o que tinha planejada ficava muito distante das experiências dos alunos, ela queria mostrar a eles uma célula de verdade. Logo pensou em leva-lós em um laboratório para que eles pudessem observar de maneira mais precisa o formato e a constituição de uma célula.

Toda animada ela escreveu o projeto, conversou com os responsáveis pelo laboratório da UNESP-Rio Claro sobre a hipótese da visita, tudo havia ficado certo. Ao encaminhar o projeto para a coordenadora da escola esta adorou o projeto, mas disse que o outro 5º ano teria que ir junto, e que se não fosse assim ninguém iria. Então logo veio a decepção da professora, pois o laboratório era pequeno e só teria espaço para uma turma, o problema maior era esse, mas a professora não via sentido em o outro 5º ano participar da visita ao laboratório sendo que eles nem haviam estudado conteúdos relacionados com o tema e, por esse motivo, tudo que ela havia planejado estava sendo descartado.

Fiquei comovida com a situação queria e sentia obrigação em ajudar de alguma forma, a professora havia ficado muito animada com o projeto e este era muito pertinente no momento para as crianças. Foi quando lembrei que uma de

minhas irmãs possuía formação em biologia e sabia lidar com o microscópio muito bem, socializei isso com a professora. Ela animada pensou que se naquele momento não era possível levar os alunos até um laboratório o laboratório, o laboratório poderia vir até a sua sala. Empenhada, a professora foi até o laboratório da UNESP-Rio claro, para ver quais eram as possibilidades de empréstimo de alguns microscópios para levar até a sua sala, o empréstimo foi concedido. Posteriormente, combinei com minha irmã para marcamos um dia para a realização da atividade que finalmente aconteceu no dia 15 de outubro de 2010, falando assim até parece data especial, mas essa foi uma data especial principalmente para os alunos.

Cheguei no horário combinado e todos já estavam esperando. A professora Camila apresentou minha irmã e seu amigo e disse que naquele dia haveria uma aula diferente. Então os convidados começaram dando uma introdução sobre célula a composição de uma célula animal e vegetal, todos prestavam a atenção, mais os olhos dos alunos não saiam das mesas em que estavam os microscópios.

Após a introdução, havia chegado o grande momento de olhar no microscópio, estes estavam preparados com uma lâmina contendo uma célula de uma alga, uma célula de cebola e o outro com alguns protozoários presentes na água da alga, os convidados iam ajudando os alunos a se posicionarem da melhor forma para conseguirem ver as células e foi incrível a reação das crianças, quando viram as células nos microscópios, muitos riram, muitos fizeram comentários como: “nossa que legal, muito legal”, o interesse dos alunos era tanto que até se esqueceram de ir para o intervalo, muitos passaram o intervalo inteiro, dentro da sala observando as tais células.

No final do ano de 2010 solicitei aos alunos que escrevessem uma carta ou bilhete dizendo o que havia significado minha presença em sala durante o ano todo, muitos dos alunos acabaram escrevendo sobre o microscópio, ressaltando assim a importância da atividade para os alunos⁴.

Eleyelton: Foi muito legal ter [Amanda] na nossa classe, ainda mais quando a irmã dela veio aqui mostrar as células de uma alga e planta eu gostei que ela veio aqui na nossa classe.

⁴ Os nomes dos alunos são fictícios.

Gabriel: A Amanda é muito legal, porque ela trouxe o microscópio e mostrou três células, ela tirou da planta e duas vezes da bochecha uma da bochecha deu certo e a outra não, ela trouxe também a irmã dela e o amigo e começaram a fazer e foi legal.

Jean: A Amanda é [...] muito legal e quando a Amanda ajuda nós. A irmã da Amanda e o Costa trouxe para nós ver o microscópio. Nós vimos as células, os tecidos.

Socializo aqui alguns trechos extraídos de uma das cartas escritas pela professora Camila e por alguns alunos endereçadas a mim já que mostram a importância de minha presença em sua sala.

Carta da professora Camila - Dezembro de 2010.

Ter a Amanda como aluna-pesquisadora foi um prazer [...] Fez com que reforçasse, para mim mesma, a ideia de que o trabalho na sala de aula tem uma importância, um valor. Por isso ela estava aqui [...] Além disso, ela foi escuta. Tantos desabafos, tantas partilhas, tanta paciência... Ela ouvia atenta, e opinava, dava sugestões... às vezes foi até incentivadora [...] Uma presença externa muito importante. Porque “não tinha compromisso”, não tinha vínculos outros... podia dar opiniões, fazer críticas. Agradeço a ela por aguentar firme e dividir aqueles momentos comigo

Bruno:

Muito divertido ela é diferente das outras estagiárias ela nos ajuda e também nos faz sentir bem as vezes eu nem percebo que ela está aqui.

João:

Eu gostei muito da Amanda, mesmo ela vindo poucas vezes, a Amanda é legal, brincalhona e está sempre feliz e conversa com os alunos e a professora. A Amanda, além de ser legal assim ela ajuda os alunos a se concentrar nas aulas e a fazer as lições. Te amo Amanda e eu sei que você será uma ótima professora.

Rosângela:

Bom para mim ter você por um pouco menos que um ano foi uma ótima experiência eu gostaria que todos os anos você me acompanhasse em qualquer escola, porque uma estagiaria assim como você não se encontra, acho que posso andar o mundo todo , mas ao vou fazer isso sabe porque? Porque eu sei que não vou achar!

As escritas tanto dos alunos como da professora legitimam a importância de um outro olhar dentro de sala de aula. Acredito que essa espécie de “parceria” entre eu e a professora Camila foi algo muito produtivo, pois nos momentos em que estávamos juntas conversávamos sobre tudo uma com a outra, confiávamos uma na

outra, compartilhamos nossas dúvidas, inquietações sobre a escola e a universidade.

Em relação aos alunos ela desabafava comigo suas frustrações, seus contentamentos, suas ideias e às vezes ficávamos vários minutos conversando sobre os acontecimentos, sobre os trabalhos dos alunos, dificuldades e dessa forma fui construindo minha relação com a escola, alunos e professora.

Entrar na escola foi um processo muito importante para mim enquanto profissional da educação, pois permitiu olhar de maneira mais atenta para o ambiente escolar, essa minha aproximação do ambiente escolar me fez perceber que a escola é um movimento e aos poucos venho tentando entender esse movimento.

Frequentar a escola me despertou a vontade de ser professor, me fez entender que nenhum outro local é mais prazeroso para se pesquisar sobre educação do que o próprio ambiente escolar.

CAPÍTULO 2

2.1 Porque emancipar?

Este capítulo tem como principal objetivo a compreensão da necessidade de uma educação, que favoreça a emancipação de nossos educandos em nossa atual sociedade.

Autores como Saviani (2000) nos mostram a partir de uma visão histórica da educação, que esta por sua vez, sempre esteve preocupada em formar determinado tipo de homem, para assim suprir as necessidades dessa tal sociedade. Sendo assim esses tipos de homem variam de acordo com as diferentes exigências das diferentes épocas.

Se atualmente o modelo político vigente em nossa sociedade é a democracia, logo vivemos em uma sociedade democrática, ou que pelo menos se diz ser democrática. A escola por sua vez precisa formar pessoas que entendam a importância de sua participação ativa em uma sociedade democrática, uma vez que a função social da escola além de apresentar aos educandos o conhecimento socialmente acumulado, tem também como tarefa preparar indivíduos para a sociedade em que vivem.

Fazer com que as pessoas entendam a importância de sua participação em sociedade não é uma tarefa fácil, por esse motivo acredito que é através de uma educação emancipadora que podemos favorecer a construção da consciência crítica, por esse motivo “necessitamos de uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”(FREIRE,1967, p. 96). Tudo nós leva a concluir que na verdade precisamos de uma reforma na organização do trabalho educacional: “reforma esta que deve ir i muito além do pedagógico, que defenda e entenda a educação como uma forma de oportunidade para que o homem conheça e entenda o mundo em que vive a fim de atuar sobre este” (FREIRE,1967, p.88).

Como considerado por Freire (1976) precisamos de uma educação:

que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa ao invés da mera perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições de vida. A educação do “eu maravilho” e não apenas “eu fabrico”. A vitalidade ao invés

daquela que insiste na transmissão, a das ideias inerentes, quer dizer, as ideias que a mente se limita a receber sem que as utilize, verifique ou as transforme em novas combinações (p. 101).

Precisamos de uma educação que realmente dê oportunidades e experiências aos seus educandos de pensarem, agirem coletivamente e criticamente, necessitamos que essa dê a oportunidade para que seus educandos mudem de atitude e postura e não para a simples transferência de conteúdos, pensar que a educação se restringe apenas a isso é ingenuidade, é descartar toda sua contribuição e seu papel na construção de uma sociedade mais justa (FREIRE,1996).

Nesse sentido, neste capítulo pretendo discutir sobre a finalidade de favorecer a emancipação dos sujeitos em nossa atual sociedade e refletir sobre a importância de uma educação que favoreça experiências democráticas a seus educandos, para assim compreender como a práxis educativa pode favorecer uma educação emancipadora que liberte o sujeito .

2.2- Uma educação para a democracia.

Para alguns autores como Paro (2009) que discutem sobre a temática “educação para a democracia”, a educação pode ser entendida como uma atualização do homem, condição esta necessária para que este se aproprie do saber produzido historicamente, construindo assim a sua própria humanidade, ou seja, o que o autor vai chamar de humanidade histórico-social. A partir desse pensamento a educação deve ser realizada em uma dupla dimensão: individual e social, a primeira dimensão está relacionada:

ao provimento do saber necessário ao autodesenvolvimento do educando, dando-lhe condições de realizar seu bem-estar pessoal e o usufruto dos bens sociais e culturais postos ao alcance dos cidadãos; em síntese, trata-se de educar *para o “viver bem”* (PARO, 2009, p.1).

E a segunda dimensão estaria mais relacionada com a formação do cidadão para que este atue em sociedade e que “sua atuação favoreça a construção de uma ordem social mais adequada à realização do ‘viver bem’ de todos, ou seja, para a realização da liberdade enquanto construção social” (PARO, 2009, p. 2).

Porém o que ultimamente temos observado na escola, principalmente na escola pública, é o fato desta estar muito distante das dimensões consideradas por Paro (2009), pois quando paramos para refletir percebemos que a escola não tem favorecido a seus educando uma educação para o “viver bem” e muito menos tem proporcionado aos educandos um ambiente prazeroso, pois a escola acaba por “ignorar os valores relacionados à utilização prazerosa do tempo livre e do ócio” (PARO, 2009, p. 2).

Ultimamente presenciamos nos veículos de informação, nas falas de alunos professores o constante descontentamento de ambas as partes em relação ao ambiente educativo, estar na escola, trabalhar na escola não tem sido prazeroso, mas suportável.

Como considerado por Freire (1976) a postura quietista que a educação atualmente vem oferecendo aos educandos, tem como principal característica enfatizar cada vez mais posições ingênuas “que nos deixa sempre na periferia de tudo o que tratamos” (FREIRE,1976, p.104). São poucas ou inexistentes as oportunidades que os levam a posições indagadoras, criadoras, questionadoras, parece que estamos viciados na passividade, no conhecimento memorizado, nada mais que memorização exige de nós, “nos deixando em posições de inautêntica sabedoria” (FREIRE,1976, p.104), contribuindo assim para que o homem não entenda a transitividade de seu tempo, de seu governo, da civilização tecnológica, provocando neste uma rigidez mental, desencadeando assim a massificação deste, que nada mais é que o “deixar de assumir a postura critica diante da vida” (p. 98).

E se nossa educação não desperta no sujeito o sentimento de “pertencimento” diante da vida e do que acontece nela, como é que vamos formar pessoas que atuem em uma sociedade democrática, na qual a essência é a participação consciente de todos diante das escolhas, se a experiência de educação que têm nossos educandos “leva o homem a acreditar que não participa das mudanças de sua sociedade, convicção esta indispensável ao desenvolvimento da democracia” (FREIRE, 1976, p. 99).

Para Paulo Freire (1976) nossa cultura é fixada na palavra, na reprodução e esta fixação da palavra legitima a nossa falta de experiência com o dialogo, com a atitude investigativa, fatores que estão intimamente ligados a criticidade, algo fundamental pra a “mentalidade democrática” (p.104).

Não é oferecendo uma educação palavresca, verbosa, sonora que vamos despertar a consciência crítica; democrática que tanto precisamos pra o desenvolvimento da educação. Como considerado por Freire (1976) nossa educação não é teórica porque nos falta o gosto da comprovação, da invenção, da pesquisa. Nossa educação é sonora, assistencializadora, não comunica faz comunicados (FREIRE, 1976, p.101).

Ultimamente a principal preocupação da escola não está na “apreensão” do saber ou no gosto pelo conhecimento, mas na obtenção de resultados positivos no exames , nas avaliações , na preparação de mão de obra para o mercado de trabalho e principalmente para a aprovação no vestibular .

Segundo Paro (2009) a escola está pautada em um currículo basicamente informativo que por sua vez ignora a importância da “formação ética” (p. 3) dos educandos, acreditando que esta formação deve ser apenas favorecida no seio familiar, este modelo informativo no qual está pautada a escola talvez favoreça tudo menos o prazer aos educandos de estar nela.

Fica muito claro que a escola de hoje, deixa a desejar tanto na dimensão social quanto na individual, sendo assim quando tratamos da dimensão social uma das principais falhas da escola em relação a essa dimensão é a “omissão da escola na função de educar para cidadania” (PARO, 2009. p. 3).

Omissão esta que não faz sentido primeiro lugar pela gravidade das contradições de nossa sociedade contemporânea tais como : “injustiça social, violência, criminalidade, corrupção, desemprego, falta de consciência ecológica, violação de direitos” (PARO, 2009. p. 3), problemas estes que só tendem aumentar cada vez mais; em segundo lugar porque vivemos em um regime político chamado democracia e o desenvolvimento deste apenas se fortalece através “da ação consciente e conjunta dos cidadãos”, elementos estes que ultimamente a escola não tem favorecido aos seus educandos:

não deixa de ser paradoxal que a escola pública, lugar supostamente privilegiado do diálogo e do desenvolvimento crítico das consciências, ainda resista tão fortemente a propiciar, no ensino fundamental, uma formação democrática que, ao proporcionar valores e conhecimentos, capacite e encoraje seus alunos a exercerem ativamente sua cidadania na construção de uma sociedade melhor (PARO, 2009, p. 3).

Segundo Paro (2009) a educação para a democracia não deve estar centrada somente na “formação egoísta do consumidor que tem direito” ela deve ser muito mais ampla ela deve favorecer o entendimento ao educando de que este tem como direito essencial “direito a ter direitos” (p. 7), pois este entendimento faz com o que o educando entenda a necessidade de sua participação na vida social. Essa postura faz com que o homem se entenda não só como um dono de direitos mais como um criador de novos direitos.

Sendo assim a educação para a democracia é extramente importante não para a formação de políticos a sua importância vai além, pois a partir dessa postura o homem passa a entender que sua vida está intimamente relacionada a um todo social e que suas ações, opiniões, junto com a de outros homens ganham força e podem ser levadas em conta para a construção de uma sociedade mais justa.

E a escola, por sua vez, tem como dever oferecer a seus educandos uma educação “por inteiro” (PARO, 2009, p. 13), ou seja, esta deve se preocupar com questões muito além das relacionadas com exames, provas, resultados, pois a educação como dito anteriormente é um processo de atualização e construção histórico-cultural, sendo assim o processo educacional envolve aspectos individuais e sociais, estes aspectos devem favorecer um viver bem pessoal e uma boa convivência social também pois a democracia deve ser um :

meio para a construção da liberdade em sua dimensão histórica, faz parte dessa herança cultural. Entendida como processo vivo que perpassa toda a vida dos indivíduos, laborando na confluência entre o ser humano singular e sua necessária pluralidade social, ela se mostra imprescindível tanto para o desenvolvimento pessoal e formação da personalidade individual, quanto para a convivência entre grupos e pessoas e a solução dos problemas sociais, colocando-se, portanto, como componente incontestável de uma educação de qualidade (PARO, 2009, p. 14).

Precisamos urgentemente de uma educação que “leve o homem na busca da verdade comum, através da investigação da pesquisa” (FREIRE, 1976, p. 94) elementos que só podem ser conquistados, através de uma educação que acolhe e não que exclui, uma educação que comunica não que faz comunicados, uma educação que possibilita a criatividade e não que limita esta, uma educação que transforma e não que conforma, que mostra e não esconde.

Apenas uma educação pautada nessa essência dará condições para que o sujeito “resista aos poderes do ‘desenraizamento’ de que a civilização industrial a que nos filiamos está amplamente armada [...]. Uma educação que possibilitasse a discussão corajosa da problemática e de sua inserção nesta” (FREIRE, 1976, p. 97).

Para que nosso educandos tenham acesso a uma educação que favoreça de fato a sua humanização, é preciso uma prática educativa progressista, que acima de tudo potencialize estes, na potencialidade de fazer, de trabalhar, de discutir, pois a educação democrática só é legítima quando se acredita na potencialidade do homem. Como considerado por Freire (1976) “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir a discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1976, p.104).

2.3 A lei e a emancipação.

A Constituição Federal/88 em seu capítulo destinado à educação e a Lei Federal nº9.394 de 20/12/96 onde é estabelecido a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional , trazem em seus textos alguns elementos relacionados com o favorecimento da emancipação por meio da educação.

Se recorrermos à Constituição Federal/88 (cap.III) artigo 205, observamos que a educação:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O trecho acima extraído da Constituição Federal/88 deixa claro a nós leitores os objetivos que devem ser alcançados através da educação, entre esses objetivos está presente “o exercício da cidadania”, ou seja, é dever da escola, por esta pertencer ao Estado, favorecer por meio da educação a cidadania de seus educandos, entendo por cidadania:

Ser cidadão é ter consciência de que é sujeito de direitos. Direitos à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade, enfim, direitos civis, políticos e sociais [...] Cidadania pressupõe também deveres. O

cidadão tem de ser cômico das suas responsabilidades enquanto parte integrante de um grande e complexo organismo que é a coletividade, a nação, o Estado, para cujo bom funcionamento todos têm de dar sua parcela de contribuição. Somente assim se chega ao objetivo final, coletivo: a justiça em seu sentido mais amplo, ou seja, o bem comum (SANTANA, 2012, p. 1).

Em outro trecho extraído da Lei Federal nº9. 394, de 20/12/96 onde é estabelecido as Diretrizes e Bases da Educação Nacional explicita-se:

Artigo. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

- I – igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola.
- II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.
- III – pluralismo de ideia e concepções pedagógicas;
- V – coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI- gratuidade do ensino publico em estabelecimentos oficiais;
- VII – valorização do profissional de educação escolar;
- VIII – gestão democrática do ensino publico, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX- garantia de padrão de qualidade;
- X- valorização da experiência extra- escolar.
- XI- vinculação entre educação escolar, o trabalho e as praticas sócias.

Especificamente os tópicos II, X, trazem em seus textos elementos relacionados com o conceito de emancipação aplicado a educação. No tópico II são discutidas questões como a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar”, ideias que nos faz resgatar algumas questões como a valorização e o respeito pelo processo evolutivo de cada aluno, entendendo que nem todos os educandos aprendem e compreendem os conteúdos da mesma forma, sendo tarefa da educação estimular ao educando o gosto pela pesquisa, pela busca e construção do conhecimento, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem não deve ser algo mecânico, fruto de uma reprodução, pois, segundo Freire (2002), o ato de ensinar não deve ser algo mecânico, onde alguém fala e o outro escuta, o ato de ensinar segundo o autor exige uma troca onde quem ensina também aprende ao ensinar, e quem aprende também ensina ao aprender.

No tópico X é discutida “a valorização da experiência extra-escolar” e sua inclusão ao processo de ensino, desta forma o educador deve em sua prática diária relacionar as experiência de vida de seus educandos com os conteúdos curriculares. Percebo que a escola fica cada vez mais distante dos seus alunos, distante porque

não fala da vida destes e muitas vezes não permite que as experiências de vida passe pelos muros da escolas.

O cotidiano escolar acaba não despertando o interesse dos educandos e o processo de ensino-aprendizagem passa a ser algo sem significância para os alunos, pois fala de tudo menos de suas vidas.

Não seria porém com a educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mais na palavra “milagrosamente” esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe experiência do fazer, que desenvolveríamos no brasileiro a criticidade de sua consciência, indispensável á nossa democratização (FREIRE, 1976, p. 102).

Essa breve reflexão de alguns pontos destes documentos, nos mostra que uma educação que favoreça a emancipação é um direito de todos os educandos, pois está presente tanto na Constituição Federal/88 e na Lei Federal nº9. 394 de 20/12/96, documentos que estipulam e regulamentam condições mínimas para o bom desenvolvimento da educação básica Brasileira.

Esses documentos, além de mostrar que a educação que favorece a emancipação é um direito de todos os educandos, chama a atenção para mostrar que essas questões discutidas acima estão intimamente relacionadas com o fazer pedagógico, ou seja, com a prática diária do professor, e se estão ligadas ao fazer pedagógico acabam sendo tarefa do educador fazer uso destas, para o planejamento de seu trabalho.

Percebi no contato com professores fazendo os estágios, não sei se por “falta de comprometimento” da parte dos educadores ou por vários problemas de outras ordens, que esses elementos discutidos acima muitas vezes não estão presentes na prática diária dos professores, ou seja, as exigências mínimas propostas nos documentos oficiais, na maioria das vezes não acontece de fato na prática.

O discurso dos professores algumas vezes tentam justificar as “suas faltas” apoiando-se, seja, nas políticas educacionais, desvalorização da profissão, e acabam se esquecendo que os aspectos relacionados a uma prática que favorece a emancipação, estão intimamente relacionada ao fazer pedagógico e que o professor por sua vez tem a liberdade de trabalhar da forma que acredita ser a mais significativa para o processo de ensino e aprendizagem de seus alunos.

A prática educativa além de ser algo extremamente complexo e importante, é algo que tem a potencialidade de fazer com que um professor faça a diferença em

sua sala de aula, mesmo com todos esses problemas maiores. Pois o papel da educação deve ser entendido por todos aqueles envolvidos em seu processo como muito mais que a “transmissão do conhecimento acumulado socialmente”, a educação é algo que humaniza, potencializa que faz o homem conhecer sua cultura e se reconhecer com um produtor de cultura.

Então se queremos pessoas que participem ativamente da sociedade e de suas transformações, precisamos oferecer em nossas escolas e salas de aula uma educação que favoreça de fato a cidadania aos nossos educandos.

Ultimamente ouso de várias pessoas envolvidas com o processo educativo, frases como “nossos jovens não questionam, não participam, não são ativos, nada querem saber”, a meu ver esse comportamento dos “jovens” só denuncia a falta de “experiência democrática” presente nas salas de aula, nos corredores da escola, na escola como um todo.

Não temos como exigirmos um tipo de comportamento de alguém, se não damos a esse sujeito a oportunidade de experimentar, de conhecer e talvez a escola esteja fazendo tudo menos favorecendo esse “experimentar e esse conhecer”.

2.4 Tendências pedagógicas.

Para entender e analisar quais as perspectivas teóricas que embasam as práticas da professora que acompanhei, neste momento do trabalho discuto sobre as principais características das tendências pedagógicas.

Segundo as considerações de Libâneo (1994), a prática escolar possui uma espécie de condicionantes de origem sociopolítica responsáveis por diferentes concepções de homem e sociedade e dessa forma surgem também diferentes hipótese sobre a finalidade da escola. Levando em consideração esses condicionantes o autor faz uma divisão das tendências pedagógicas em liberais (tradicional; renovada progressista; renova não-diretiva; tecnicista) e progressistas (libertadora; libertária; crítico social dos conteúdos).

Libâneo (1994) descreve algumas características de cada tendência que explico a seguir:

A) Tendências Liberais:

Tendência liberal tradicional: nesta abordagem o compromisso primordial é com a cultura, já que os problemas sociais pertencem à sociedade, desta forma os alunos menos capazes devem tentar superar suas dificuldades e conquistar seu lugar com os mais capazes. No caso esses alunos não conseguirem devem migrar para o ensino profissionalizante. Nesta abordagem os conteúdos são totalmente dissociados das experiências de vida dos alunos e da realidade em que estes vivem. O professor é o detentor do saber, transmite os conteúdos como verdade absoluta e inquestionável, a aprendizagem é entendida, como um processo mecânico.

Tendência Liberal renovada progressista: para esta tendência o papel da escola é o “de proporcionar experiências que permitam ao aluno educar-se, num processo ativo de construção e reconstrução do objeto, numa interação entre estruturas cognitivas do indivíduo e estruturas do ambiente” (LIBÂNEO, 1994, p. 25). Há uma valorização e estímulo à pesquisa e a descoberta, estudo do meio natural e social, sendo assim não há um lugar privilegiado para o professor, este apenas “auxilia o desenvolvimento livre e espontâneo da criança” (LIBÂNEO, 1994, p. 26). Segundo o autor essa tendência é muito difundida nos cursos de licenciatura de Pedagogia, porém faltam ainda alguns esclarecimentos, pois está se choca com uma prática basicamente tradicional.

Tendência liberal renovada não-diretiva: Nesta tendência o papel da escola está relacionado com a formação de atitudes, ou seja, o papel desta é com os problemas psicológicos e não sociais. Esta abordagem enfatiza os processos desenvolvimento das relações deixando de lado os conteúdos disciplinares. Esta pedagogia propõe uma educação centrada no aluno, o professor acaba sendo um especialista em relações humanas.

Tendência Liberal Tecnicista: a pedagogia tecnicista defende a ideia de que aprender é uma questão de modificação de desempenho, o bom ensino tem como eixo central a organização eficiente das condições estimuladoras, proporcionando ao aluno que este saia da situação de aprendizagem diferente de como entrou. Nesta pedagogia as relações professor-aluno são objetivas, o professor possui seu papel

bem definido como a transmissão da matéria conforme um sistema instrucional, “o aluno então recebe aprende e fixa as informações” (LIBÂNEO, 1994, p. 30).

B)Tendências progressistas:

Tendência progressista libertadora: a educação libertadora tem como principal objetivo questionar a realidade das relações do homem com o mundo, visando a transformação. O importante na educação libertadora não é a transmissão dos conteúdos, mas sim “despertar uma nova forma da relação com a experiência vivida” (LIBÂNEO, 1994, p. 33).

Esse modo de entender a educação tem como mentor Paulo Freire que aplicou suas ideias em vários locais do mundo, entre eles Chile e África. O processo de ensino e aprendizagem tem como passos a codificação-decodificação e a problematização da situação, “proporcionando assim aos alunos compreender o vivido até chegar a um nível mais crítico de conhecimento da sua realidade, sempre através da experiência em torno da prática social” (LIBÂNEO, 1994, p. 34). A relação aluno-professor é horizontal pautada no diálogo, “onde educador e educando se posicionam como sujeitos do ato de conhecimento” (LIBÂNEO, 1994, p.34). O aprender, a partir desta perspectiva é

um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, e só tem sentido se resulta de uma aproximação crítica dessa realidade. O que é aprendido não decorre de uma imposição ou memorização, mas do nível crítico de conhecimento, ao qual se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica (p.35).

Tendência progressista libertária: está pedagogia pretende ser uma resistência contra a burocracia como “instrumento de ação dominadora do estado que controla (professores, programas, provas etc..) retirando sua autonomia” (LIBÂNEO, 1994, p. 36). Nesta tendência os conteúdos estão a disposição dos alunos, mas não exigidos. O professor é uma espécie de orientador, se misturando no grupo para uma reflexão comum aos alunos. A pedagogia libertária tem como essência as tendências antiautoritárias em educação como anarquistas, psicanalistas.

Tendência progressista “crítico social”: nesta pedagogia o principal papel da escola está na difusão dos conteúdos que não são abstratos e sim vivos e concretos. O papel da escola é preparar o aluno para o mundo adulto, dando condições pra ele possa participar ativamente na democratização da sociedade. Os “conteúdos por sua vez não partem, então de uma saber artificial, depositado a partir de fora, nem do saber espontâneo, mas de uma relação direta com a experiência do aluno, confrontada com o saber trazido de fora”(LIBÂNEO, 1994, p. 40).

Após esta breve caracterização das tendências pedagógicas, fica claro que as tendências liberais por sua vez, têm como principal objetivo manter e alimentar o modelo econômico em que estamos inseridos, já as tendências progressistas possuem um caráter de rompimento, mudança e transformação social.

O conceito de emancipação que me proponho a discutir no próximo capítulo está intimamente relacionado com a Tendência Progressista Libertadora, esta tendência como já citado acima tem como principal expoente a figura Paulo Freire.

CAPÍTULO 3

3.1 Construindo o conceito de emancipação

Este capítulo em seu primeiro momento tem como objetivo, problematizar o conceito de emancipação, utilizando como referencial teórico a pedagogia de Paulo Freire. Em seu segundo momento serão apresentadas ao leitor algumas práticas pedagógicas, fruto do trabalho em sala de aula da professora Camila. Posteriormente pretendo discutir quais os elementos contidos nessas práticas pedagógicas e que nos permitem pensar o conceito de emancipação.

A palavra emancipação em seu sentido literal significa “esclarecimento”. Para Paulo Freire uns dos caminhos para favorecer o esclarecimento do sujeito é a educação emancipadora. Sendo assim a educação emancipadora é aquela que possibilita o “esclarecimento” do sujeito, fazendo com este se torne um ser crítico e reflexivo, que consiga relacionar os acontecimentos de sua vida com o mundo, que permita o homem entender sua relação com o mundo e sua inserção neste mundo (realidade). Inserção esta de que deve resultar na transformação da realidade.

Sabemos que a educação emancipadora é composta por uma prática progressista, que entende fundamentalmente o ato de ensinar como algo que vai muito além da transmissão de conteúdos “onde alguém fala e o outro escuta” (FREIRE, 2002, p.12), esta entende que o ato de ensinar é uma troca “onde quem ensina também aprende ao ensinar, e quem aprende também ensina ao aprender” (FREIRE, 2002, p.12), sendo assim para que aconteça de fato a verdadeira aprendizagem é preciso que os educandos se transformem “em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 2002, p. 12), e o educador por sua vez “não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2002, p.13).

Para que a prática progressista favoreça a construção da capacidade crítica do educando é preciso que esta defenda “que a elaboração e o desenvolvimento do conhecimento estão ligados ao processo de conscientização” (MIZUKAMI, 2003, p.91), sendo assim esse processo é algo em constante constituição, “é uma aproximação crítica da realidade que vai desde as formas de consciência mais

primitivas até a mais crítica e problematizadora e, conseqüentemente, criadora” (p. 91).

Segundo Mizukami (2003), na abordagem sociocultural do ensino, o homem se constrói a partir do momento em que entende e reflete sobre o contexto em que está inserido, tomando assim “consciência de sua historicidade” (p. 90). O homem a todo instante é posto em desafio pelo fato de estar no mundo, que não é estático, sendo assim não existe receitas prontas para esses desafios “não há receitas ou modelos de respostas, mas respostas quantos forem os desafios, sendo igualmente possível encontrar respostas diferentes para um mesmo desafio” (p. 91).

Para a abordagem sociocultural segundo Pinto (apud MIZUKAMI, 2003, p. p. 91) a tipologia das consciências segundo a perspectiva freireana pode ser pensada a partir destas três instâncias: consciência intransitiva; consciência transitiva ingênua; consciência transitiva; que para Paulo Freire (1976) as mesmas são denominadas como: consciência ingênua, mágica; crítica. A seguir algumas características das mesmas:

Consciência intransitiva: uma das principais características típica dessa consciência é o descompromisso do homem com a sua própria existência e com a historicidade. A preocupação central dessa consciência esta nos aspectos vitais, ou seja, com o plano biológico da vida. O descompromisso com a existência do homem se dá pelo fato deste não compreender aquilo que escapa do plano biológico.

Consciência transitiva ingênua: segundo Mizukami (2003) esta consciência se caracteriza pela sua impermeabilidade à investigação e pela satisfação com as explicações superficiais vulneráveis em sua argumentação. Esta consciência se prende aos acontecimentos passados, dando pouca atenção ao presente, “manifestando pessimismo e visão catastrófica do presente” (p. 92). É característica de essa consciência criticar o presente e, ao mesmo momento, se opor a mudanças; assumindo uma atitude reacionária “cujo elementos principais implicam: defender as regalias de grupos sociais ou de situações privilegiadas” (p. 92).

Consciência transitiva: como considerado por Mizukami (2003) a consciência transitiva ou crítica tem como principal característica a preocupação com a objetividade, pois está aberta aos acontecimentos sempre voltada para a

“convivência com os homens” (p. 93) . Este tipo de consciência entende a realidade como algo relativo :

[...] sensível ao ritmo das transformações do mundo, à compreensão da queda e do aparecimento de valores que proponham modificar as condições de vida. Consequentemente, é uma consciência anti-reacionária e antecipadora (MIZUKAMI, 2003, p. 93).

Esta consciência não nega a noção de liberdade individual , mas tenta conciliá-la com os fatores que a condicionam , entendendo assim a sua dependência histórica social.

A passagem da consciência intransitiva para a transitiva ingênua segundo Freire (1976) acontece de forma automática com a promoção dos padrões econômicos ; já a passagem da consciência transitiva ingênua para a transitiva segundo (MIZUKAMI, 2003) não se dá de maneira automática e sim através de um trabalho educativo que favoreça esta, “pois a criticidade se constrói na crescente apropriação , pelo homem de seu contexto” (p.93).

Sendo assim a construção da consciência crítica para Freire (1976) pode ser conquistada através de uma educação dialógica, que utilize o diálogo com um dos principais caminhos para organização reflexiva do pensamento estimulando a crença no sujeito e nas suas potencialidades.

A construção da consciência crítica é algo fundamental na constituição do sujeito, pois segundo Freire (2002) toda compreensão de algo corresponderá em uma ação, a natureza desta ação corresponde a natureza da compreensão, isto quer dizer que se a compreensão de algo for de forma crítica irá, consequentemente, gerar uma ação crítica, se esta compreensão for acrítica jamais a ação será crítica.

Como citado anteriormente a consciência crítica ou transitiva pode ser favorecida ao educando através de uma educação dialógica que priorize com o nome mesmo nos diz o diálogo. Este por sua vez pode ser entendido a partir de Freire (1976) como uma relação horizontal, ativa e participante que estabelece uma igualdade entre dois ou mais sujeitos. Nasce de uma “matriz crítica e gera criticidade” (p. 115) sentimentos como amor, humildade, esperança, fé, confiança estão presentes na matriz desta relação. E quando existe uma relação saudável com

amor, esperança, fé, é estabelecido o que podemos chamar de diálogo, porque realmente há uma comunicação, para o autor só através de uma relação simpática e sincera há comunicação.

Se a educação dialógica favorece a comunicação, uma educação pautada no antidialogo, por sua vez faz comunicados e sustenta uma relação vertical, onde os papéis de educador e educando são estabelecidos por meio da superioridade e inferioridade, sendo o educador o dono da verdade absoluta ocupando assim o papel de superior e o educando como alguém que está a frente do educador apenas para receber seu vasto conhecimento, ocupando por sua vez o papel de inferior.

A educação antidiológica tem como principal característica a reprodução e não a construção e reconstrução do conhecimento por parte dos educandos, pois “no antidiálogo quebra-se aquela relação saudável, simpática, por esse motivo este não comunica. Faz comunicados” (FREIRE, 1976, p.116).

Segundo o autor só através de uma educação que favoreça a construção da consciência crítica, do diálogo, poderemos evitar a massificação e coisificação do sujeito.

Segundo Freire (1997) existem duas posições educativas: aquela que respeita o homem como pessoa, ou a que transforma o homem em coisa, o autor nomeia a segunda opção como *educação bancária*, pois a principal característica dessa é a de depositar conteúdos. Nesta posição o educador é o depositante e o educando o depositário

A educação bancária coisifica o homem, porque favorece a sua domesticação, enfatizando a relação vertical entre educador e educando, sendo assim as principais características dessa relação são:

- a) que o educador é sempre quem educa; o educando, o que é educado;
- b) que o educador é quem disciplina; o educando, o disciplinado;
- c) que o educador é quem fala; e educando é quem fala; e o educando, o que escuta;
- d) que o educador prescreve; o educando segue as prescrições.
- e) que o educador escolhe o conteúdo dos programas; o educando o recebe na forma de “depósito”;
- f) que o educador é sempre quem sabe; o educando, o que não sabe;

g) que o educador é o sujeito do processo; o educando, seu objeto(FREIRE, 1997,p.128).

Essa posição de educação transforma o educando em um ser passivo adaptado ao mundo em que vive, promovendo assim a desumanização do homem, pois uma educação verdadeiramente humanista, ao invés de adaptar o homem ao mundo e suas contradições se esforça para que o homem entre no movimento de desocultação da realidade em que vive e não sua aceitação. O movimento de desocultação da realidade permite que o homem “existencialize sua real vocação: a de transformar a realidade” (p.129) características presentes em uma educação humanista, emancipadora.

A educação bancária ao invés de favorecer a inquietação ao homem diante do mundo se preocupa em evita-la, impedindo a desocultação do mundo “e tudo isso a fim de adaptar o homem” (FREIRE, 1997, p.129).

A humanização e desumanização (FEIRE, 1997), são possibilidades históricas do homem, mas somente a humanização constitui no homem a sua verdadeira vocação, a de transformar; já a desumanização não desperta no homem a sua vocação. Por esse motivo se nós educadores queremos sujeitos criativos, transformadores precisamos entender que só através de uma educação criativa e essencialmente humana poderemos alcançar esses objetivos.

E os educadores que de fato entendem a docência como algo complexo e criativo favorecendo através de sua prática, que seus educandos compreendam sua realidade de maneira crítica, dando assim condições para que estes atuem nela através de sua inserção na realidade, são considerados seres demoníacos, rebeldes desajustados, inaptos, por aqueles que entendem a educação como uma mera transmissão de conteúdos, pois não contribuem para o processo de coisificação do sujeito.

Toda prática educativa, para que seja significativa, deve oferecer ao sujeito, segundo Mizukami (2003), uma reflexão sobre o homem e sobre sua vida, para que o homem seja de fato o sujeito da educação. A falta dessa reflexão pode resultar em educação carregada de métodos e diretrizes que reduzem o homem a um simples objeto.

O homem como considerado por Mizukami (2003) não participará, de maneira ativa na sociedade/historia, se este não tiver condições de entender a realidade e o mundo que vive sem esse entendimento o homem torna-se quase que incapaz de transformar a realidade:

É preciso que se faça, pois desta tomada de consciência, o objetivo primeiro de toda a educação: provocar e criar condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a ação (MIZUKAMI, 2003, p. 94).

3.2 O homem sua relação com o mundo e sua cultura.

A educação emancipadora entende que um dos elementos indispensáveis para que o homem se torne um ser esclarecido, crítico (emancipado) é o entendimento da relação que este estabelece com o mundo e com sua realidade. Pois a educação, a partir da tendência Libertadora, deve ser encarada como um “que fazer-humano”, sendo assim esse “que fazer-humano” está inserido em um tempo e um espaço, entre os homens.

O homem em sua posição “fundamental” segundo Freire (1997) é um ser situado, isso significa que este é um ser “articulado no tempo e no espaço, que sua consciência intencionada capta e transcende” (p. 124), sendo assim o homem enquanto um ser incompleto vive em um tempo e em um espaço que pertencem a ele, tempo esse de que- fazeres e de admirar o mundo.

Por ser capaz de admirar o mundo o homem é capaz também de objetivar este e de “nesse ‘não eu’ constituinte do seu eu, o qual, por sua vez, o constitui como mundo de sua consciência” (FREIRE, 1997, p. 124). Através dessa capacidade de admirar o mundo, o homem estabelece uma relação com este que vai além de estar nele, mas de estar nele com ele, estando assim aberto para esse mundo, captando, compreendendo e atuando neste a fim de transformá-lo.

Para Freire (1997) transformar o mundo não se resume meramente em “responder aos estímulos e sim aos desafios” (p.124). Segundo Freire (1997) “as respostas do homem aos desafios do mundo, através das quais vai modificando

esse mundo, impregnando-o como o seu 'espírito', mais do que um puro fazer, são quefazeres que contêm inseparavelmente ação e reflexão" (p. 124).

Simplesmente por admirar o mundo o homem objetiva este; pois capta e compreende a sua realidade através do movimento de admiração, além de compreender e captar a realidade o homem modifica esta com sua ação e sua reflexão (FREIRE, 1997).

A concepção humanista entende que consciência e mundo vivem em uma espécie de sincronismo, onde a consciência está "intencionada para o mundo" e este então se faz mundo desta. Através da problematização homem-mundo o educando não tem como fugir da uma reflexão constante, transformando-se este em um "corpo consciente, desafiado" (FREIRE, 1997, p.132) e que responde aos desafios. Para Freire (1997) o homem:

Diante de cada situação problemática com que se depara, sua consciência vai captando as articularidades da problemática total que vão sendo percebidas como unidades em interação pelo ato reflexivo de sua consciência que vai se tornando crítica (p.132).

Como já discutido anteriormente, para Freire (1997) a consciência do ser tem em sua constituição algo fundamental que é a intencionalidade de abrir-se para o mundo. A posição normal do homem é a de estar no mundo com o mundo (FREIRE, 1976), ou seja, através do movimento de criação e recriação o homem estabelece relações com o mundo, uma relação de sujeito para o objeto, sendo assim através dessa relação o homem produz conhecimento, independente se ele é ou não alfabetizado "basta ser homem para ser capaz de saber, ainda que seja este saber meramente opinativo. Daí que não haja ignorância absoluta , nem sabedoria absoluta" (p.112).

É fruto da educação emancipadora acreditar que o homem se torna homem quando este passa a admirar o mundo, sendo capaz de se desprender dele ao mesmo momento em que se conserva nele e com ele.

O homem produz cultura, na medida em que reflete sobre sua vida, no momento em que este encontra as respostas para os desafios impostos pela cotidianidade, cultura então pode ser entendida como: "toda criação humana"

(FREIRE, 1976, p.117), ou seja, “todo o resultado da atividade humana, do esforço do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações dialogais com outros homens” (FREIRE, 1974, APUD MIZUKAMI, 2003, p.87).

Cultura então pode ser entendida a partir de Freire (1976) como a aquisição sistemática da experiência humana, “aquisição esta que deve ser crítica e criadora e não simplesmente justapostas, que não foram incorporadas ao indivíduo armazenamento de informações” (MIZUKAMI, 2003, p. 87).

O homem cria cultura segundo Freire (1976) no momento em que estabelece relações, quando responde aos desafios, quando critica e cria a partir de sua experiência.

A partir de Mizukami (2003), o homem apenas participa como sujeito na sociedade, na cultura, na história quando possui um posicionamento crítico diante da vida, pois o opressor mitifica a realidade contribuindo para que oprimido não entenda a sua realidade de maneira crítica. Por esse motivo é extremamente importante o papel humanizador de uma educação que favoreça ao indivíduo à conscientização da realidade .

Assim é característica também da educação emancipadora fazer com que o educando entenda que “cultura é toda criação humana”, pois fazer com que o educando entenda que ele também é um produtor de cultura é a superação da consciência ingênua e mágica para o desenvolvimento da consciência crítica.

O homem alienado (MIZUKAMI, 2003), ou seja, aquele que não entende a sua relação com o mundo e com a cultura, não consegue se relacionar com a realidade objetiva, este se encanta com o modelo social vigente (dominante) e não se compromete com o mundo que realmente vive (mundo real) “sua forma de pensar é reflexo do pensamento e expressões da sociedade dominante” (p.90). Segundo Mizukami (2003) a libertação então não surgirá por acaso, mas devido às práxis de sua busca.

3.3 Práticas pedagógicas.

O objetivo desse tópico é socializar três práticas pedagógicas observadas na sala de aula da professora Camila, e a partir das mesmas perceber em que medida as propostas de atividades que desenvolveu junto com seus alunos mostram indícios que apontem que essas práticas guardam relação com a pedagogia proposta por Paulo Freire e especialmente com o conceito de emancipação.

A) A escrita de diários:

A prática da escrita em diários foi realizada no ano letivo de 2010 com uma sala de 5º ano composta por cerca de 30 alunos, com idades entre 10 e 11 anos.

A ideia de escrever diários surgiu da própria professora responsável pela turma, ao perceber que seus alunos possuíam fortes experiências de vida e que por esse motivo seria interessante conhecer um pouco das suas histórias vida. Em um trecho extraído de um artigo produzido pela professora, é visível a preocupação que esta tem para que seus alunos se reconheçam como donos de uma história, de uma vida:

Enquanto professora responsável por aquele grupo, gostaria de auxiliar as crianças a projetarem sua vida para além dos limites impostos por tal ou qual realidade, queria que dessem importância a si mesmas. Que tivessem algum poder, algum controle, sobre suas vidas. Tivessem poder de decisão. Sendo assim ela precisava criar alguma estratégia que permitisse que seus alunos de alguma forma falassem e levassem suas experiências para dentro da escola (ZANFELICE, 2011, p.10).

Recorrendo à memória, a professora lembrou que, no ano anterior à experiência relatada havia utilizado a escrita de diários com seus alunos, a fim de conhecer um pouco sobre suas histórias, pensamentos. Um trecho extraído de uma das cartas trocadas durante o ano de 2010, entre nós duas, mostra como surgiu à ideia dos diários:

Carta da professora, 09 de maio de 2010.

A ideia surgiu ano passado (2009), quando experimentei comprar caderninhos para meus alunos do quarto ano de uma escola particular. Entretanto, eles não escreviam, ou escreviam muito pouco, fui percebendo que para eles, era uma obrigação chata escrever. [...] Este ano, foi durante um encontro do grupo de professores [...] que uma colega citou a prática de trocar cartinhas com os alunos... A partir daí senti-me incentivada a tentar novamente, e trouxe os caderninhos para os alunos. E dessa vez foi diferente, trouxeram-me muitas experiências e problemas particulares, que no início me deixaram insegura quanto ao encaminhamento - como

responder, o que dizer? Então, decidi ser o mais sincera possível, colocando-me daqueles diários também, com minhas experiências, minhas opiniões.

A princípio a professora entregou um caderninho para cada aluno e seguiu explicando que aquele caderno seria utilizado com um “diário”, onde cada um escreveria neste caderno as coisas que aconteciam em seu dia-dia, na escola, em casa, coisas que eles achassem importante escrever para um outro ler, este outro, por sua vez, era a professora Camila, responsável pela sala.

O combinado era que toda terça-feira seria o dia de socializar com a professora os escritos do caderno, esta então atentamente lia folha por folha dos cadernos e respondia os escritos aos alunos, se colando no movimento de escrita junto com eles.

No início não foi muito fácil fazer com que os alunos falassem de suas vidas através da escrita segundo um trecho extraído de uma das cartas escritas pela professora:

Carta da professora, 09 de maio de 2010.

De imediato foi difícil atrair o interesse dos alunos em escrever nos diários, pois devido aos seus contextos sociais comprometidos me parecia que os alunos tinham a impressão de que escrever sobre suas experiências nos diários era uma perda de tempo, pois quem se interessaria pela suas histórias de vida?

Para que os alunos se animassem a escrever foi preciso um empurrãozinho por parte da professora que os convidou para uma roda da conversa onde foi apresentando a eles o diário autobiográfico de *Ana Frank*. Após apresentar o livro para os alunos a professora leu algumas páginas junto com eles e em seguida os questionou se eles conseguiam estabelecer alguma relação entre o caderno utilizado pela turma, com o livro que estava em discussão. As crianças ficaram um bom tempo pensando em silêncio, após passar esse tempo alguns alunos se arriscaram como alguns comentários:

Registros extraídos do cad.1 da aluna-pesquisadora, 10 novembro de 2010.

Rosângela: Ah sei [...] ela conta do que gosta.

Fernanda: Esse livro fala da vida dela e no nosso caderninho a gente também escreve sobre o que gosta, sobre os acontecidos, eu mesmo contei que meu irmão tinha quebrado a perna e tal.

Muitos alunos questionaram o quanto seria legal escrever nos diários para futuramente ler e lembrar como pensavam no passado. Depois da roda da conversa alguns alunos passaram a escrever constantemente em seus diários trazendo muitas revelações em suas escritas muitas coisas relacionadas com suas vidas, suas histórias. Outros não ficaram tão entusiasmados com escrita e acabaram por relatar somente momentos como intervalo, educação física entre outros, não se sentiam à vontade para falar de suas vidas. Mas, de todos modos, a professora fazia a leitura atentamente de tudo que era escrito em cada página, estabelecendo uma espécie de diálogo com os alunos. Seguem abaixo alguns trechos de escrita dos alunos em seus diários e retirados do artigo produzido pela professora (ZANFELICE, 2011, p. 9-10).

Aluno: Eu estava com meu pai quando ele matou o cara. Eu era bem pequena, e estava com ele, perto de onde joga sinuca. Daí ele começou a brigar, e deu uma facada no homem. O homem também deu uma facada nele, daí ele pegou e começou a dar um monte de facadas no homem até ele morrer. Saiu correndo e me levou para a casa da minha avó. Ele deitou embaixo da cama do meu avô, que estava dormindo. Ai quando a policia chegou, minha avó mostrou onde ele estava. [...]

Aluno: Meu pai morreu há três anos. Ele caiu na esteira (em uma cerâmica), viveu por mais cinco horas mais ou menos, depois morreu. O cara da imobiliária cobrou da minha mãe, e nós mudamos de Santa Gertrudes para Rio Claro [...].

Aluno: Prô, qual o motivo de você chamar meu pai na escola heim? (frase seguida de uma carinha triste). [...]

Aluno: Prô, minha mãe está processando o primo dela, porque ele estuprou ela, sabe eu sou filha do estupro, ele estuprou ela e ela ficou grávida. Se ele não pagar a pensão, ele vai preso, ou vai ter que fazer um empréstimo, vai ter fazer alguma coisa se não...

Com as escritas, a professoras conseguiu conhecer melhor seus alunos, saber um pouco mais de suas histórias e realidades e foi através desse conhecer mais profundo que conseguiu fazer com que sua prática pudesse ser mais significativa para seus alunos, muitas escritas fizeram com que a professora refletisse sobre sua prática e sobre como a sua prática poderia entusiasmar e tocar seus alunos.

Um dos principais eixos da prática descrita acima está no diálogo que a professora estabeleceu com seus alunos através da escrita nos diários, diálogo este utilizado para conhecer para “ler seus alunos”. Segundo Freire (1976) muitas vezes nós professores entramos em nossas salas de aula carregados de teorias e

respectivos métodos, acreditando falsamente que essas teorias e métodos vão solucionar todos os nossos problemas e acabamos por esquecer do mais importante que é a leitura que devemos fazer de nossos alunos, a fim de conhecer e sentir esses, para depois pensar e traçar estratégias que norteiam nossa prática a fim de que esta seja significativa aos alunos.

O diálogo é um dos principais pontos da pedagogia Freiriana, sendo este indispensável tanto para construção da consciência crítica como para um ambiente saudável, sincero dentro de sala de aula, é no diálogo que a relação professor/alunos se dá de maneira harmoniosa, horizontal. Relação esta que tem como objetivo a potencialização do sujeito; através desse movimento é possível estimular a crença no sujeito e em suas possibilidades “pela crença que somente chego a ser eu mesmo quando os demais também cheguem a ser eles mesmos” (1976, p. 116).

Na prática descrita acima a professora tenta potencializar seus alunos através do movimento da escrita nos diários, estimulando os alunos a falarem de suas vidas e suas histórias, a fim de conhecer e sentir seus alunos. Esse diálogo proporcionou à professora a possibilidade de conhecer mais seus alunos, fazendo com que estes avistem suas histórias de vida, como algo importante, fazendo com que estes alunos se sintam donos de uma vida, de uma história, donos de um destino.

A escrita nos diários foi uma forma que a professora encontrou para dialogar com seus alunos, estabelecendo através dessa escrita uma relação horizontal, pois ao mesmo momento em que os alunos se expunham em cada página daquele diário a professora também participava desse movimento de exposição, contando aos alunos suas experiências e suas contribuições, nessa relação sentimentos como amor, humildade, esperança, fé, confiança estavam presentes, pois para que as crianças contassem suas histórias elas precisavam confiar na professora e a professora também neles. Por isso penso que essa era uma relação de horizontal e, aos poucos, os alunos foram se reconhecendo como sujeitos e donos de uma história de uma vida.

Talvez o diálogo por meio da escrita dos diários tenha contribuído para que os alunos entendessem que eram donos de uma vida e uma história, pois segundo

Freire (1976) o diálogo é um dos caminhos para a construção da consciência crítica ou seja a tomada de consciência.

B) Folclore

Esta atividade teve sua realização no ano letivo de 2011, a atividade foi realizada com uma turma de 3º ano, com a professora Camila.

Durante o mês de agosto, na maioria das escolas as professoras estão acostumadas a trabalharem com o tema do “folclore”, mas esse tema por sua vez na maioria das vezes as atividades são reduzidas a cópias de lendas, pinturas de desenhos, deixando de lado discussões sobre as diferentes características das diferentes culturas. Essa era uma das coisas que incomodavam à professora a qual acompanhei; o folclore para ela tinha outro sentido, para ela este era uma oportunidade de conhecer as mais variadas culturas dos mais variados povos do nosso país e África.

Durante a preparação do planejamento para o folclore, após muitas investigações sobre temas folclóricos e histórias para contar, após examinar alguns materiais, a professora entrou em contato com uma lenda africana “Bruna e a galinha d’ Angola”⁵. Esta lenda conta a história de uma menina chamada Bruna que vivia muito sozinha, e quando ficava muito triste pedia para sua avó Nanam para contar histórias de sua terra natal. Uma das histórias que Bruna mais gostava era a do “Pano da galinha de angola” que sua avó trouxe da África, essa história falava sobre a origem do universo, quando uma galinha d’ Angola desce dos céus, pendurada em uma corrente de ouro, espalhando terra. O mesmo livro conta a história dos panos africanos da galinha de angola (tecidos que contam uma historia, através de símbolos desenhados), na história a personagem principal aprende a confeccionar com a ajuda de sua avó panôs africanos da galinha de Angola e a partir da confecção desses, Bruna faz várias amizades deixando de lado a solidão. A partir da confecção de inúmeros panôs a sua aldeia fica conhecida.

⁵ ALMEIDA, Gercil. São Paulo, Editora Pallas, 2006.

Após a leitura da história os alunos, conversaram sobre a importância da descoberta de nossas culturas para nossas vidas, como na história de Bruna. Todos os alunos ficaram entusiasmados para confeccionarem cada um o seu “pano africano”, com papéis de várias cores cada aluno aos poucos foi confeccionando seu pano africano. A confecção do pano africano foi feita a fim de mostrar aos alunos assim como na lenda que cada indivíduo, possui particularidades e que mesmo assim um é importante para o outro, cada aluno confeccionou seu pânho de forma criativa, singular e diversa.

As falas de alguns alunos durante a confecção dos panos mostram a liberdade que os alunos tiveram na construção dos panos:

Caderno 2 da aluna-pesquisadora-2011

Aluno: O meu pano é todo colorido, (azul, amarelo, vermelho), e fiz ele todo trançado, porque gosto muito de coisas trançadas.

Caderno 2 da aluna-pesquisadora-2011

Aluno: Meu pano é todo vermelho, pois adoro o vermelho.

A professora continuou apresentando aos alunos algumas outras lendas como “Negrinho do pastoreio”, após a leitura da lenda a professora trabalhou com os alunos temas como a escravidão, crenças, e alguns vocabulários regionais, o objetivo da professora com a atividade era mostrar as crianças que o verdadeiro significado do folclore vai muito além de personagens como saci, cuca. O folclore é diversidade cultural e foi essa uma das questões que a professora tentou construir ao longo das atividades com os alunos.

Foi trabalhado com os alunos outra lenda africana “Menino de ouro, menina de prata” nesta lenda o rei transforma também em uma das princesas mentirosa em uma galinha d’ Angola.

Como folclore é diversidade a professora entusiasmada abraçou a ideia de apresentar aos seus alunos culturas diferentes, em um dos dias levou para a sala argila e um pouco de tinta de artesanato, para que os alunos fizessem esculturas da galinha d’ Angola, mas a escultura não ficou pronta de uma hora para outra, foram vários dias de trabalho, dedicação, desfazendo as rachaduras e sujando muito as mãos, nesta atividade foi interessante ver os alunos exercitando a paciência a

dedicação, espera e superação pois cada vez que surgia uma rachadura na galinha era preciso desfazer lá.

Falas de alguns alunos mostram que o processo de construção da galinha de angola foi trabalhoso, porem gratificante para as crianças.

Caderno 2 da aluna-pesquisadora-2011

Aluno: Vou caprichar bastante na minha galinha quero que ela fique linda, vou arrumar o bico de novo (risos).

Caderno 2 da aluna-pesquisadora-2011

Aluno: Nossa essa galinha ta dando trabalho, mas vai ficar linda, depois a gente pintar ela, vai até parecer uma galinha de verdade!!!

Caderno 2 da aluna-pesquisadora-2011

Aluno: Não vejo a hora de terminar a galinha, quero mostrar para minha avó, ela adora galinhas, vai ficar orgulhosa de mim.

Após a “modelação” da escultura da galinha era preciso pinta-lá, e deixar alguns dias secando no sol.



Figura 1: alunos confeccionando a escultura da galinha de angola em argila.



Figura 2: escultura da galinha de angola pronta.

A contação de lendas seguiu durante todo o mês de agosto, a professora trabalhou com os alunos várias lendas como as citadas acima e outras lendas mais clássicas com (saci, curupira, lara...), com o intuito de fazer os alunos refletirem sobre suas origens e sobre as tradições. Após todo esse trabalho de contação de lendas feito, a professora sugeriu que cada aluno criasse um personagem para uma lenda, este poderia ser um mostro animal etc.

Essa personagem teria que possuir características tais como: poderes mágicos, habilidades após a criação, esta sugeriu que os alunos desenhassem seus personagens, sendo necessário produzir uma ficha técnica do monstro contendo suas principais características e seu nome.

Os alunos se animaram com a produção dos monstros, então a professora sugeriu que fosse feita uma eleição com a participação de toda a escola do período da tarde, para eleger o mostro mais criativo. Após a eleição o mostro vencedor protagonizaria uma lenda que seria criada pelos próprios alunos e a ilustração seria feita pelo “dono” do mostro vencedor.

O monstro eleito na votação, foi o de uma aluna que apresentava grandes dificuldades de aprendizagem e relacionamento. Após a escolha do mostro ganhador era necessário começar a produzir sua “lenda”. A professora em conjunto com os alunos criou o texto que iria compor o livro, esta ia construindo com a ajuda dos alunos o texto no computador, e os alunos iam acompanhando a escrita pelo telão, lendo, relendo e escrevendo.

Após a produção do texto coletivo algumas escritas ainda estavam confusas, então a professora propôs, que em duplas os alunos relessem o texto e fizessem algumas correções, tirassem repetições, enfim melhorassem o texto.

Em um trecho extraído de um registro escrito pela professora e Camila, podemos entender melhor como foi o movimento da escrita coletiva:

Foi necessário intervir fazendo questionamentos, pois muitas ideias surgiam, e precisavam dar coerência ao texto. Iniciamos listando algumas características que tinha na ficha do monstro, e dando sentido, relacionando-as uma as outras. (Agosto de 2011)

Depois de todo o trabalho descrito pela professora no trecho acima o texto coletivo acabou virando um livro, que foi doado para a biblioteca da escola.

Após todo esse movimento de apresentar aos alunos diferentes culturas com o objetivo de fazer com que estes refletissem sobre suas histórias de vida e identidade, a professora deu continuidade ao projeto e para isso iniciou uma outra proposta.

Previamente a professora tirou fotos do rosto de todos os alunos, começou então a atividade a partir de um texto provocador montado por ela mesma, contendo algumas informações biológicas sobre as etnias, ascendência e descendência. O texto dizia, em linhas, gerais que a cor de pele, cabelo, tipo do nariz é determinado por genes que são herdados de nossos familiares (avó, avô..) e que eles são nossas identidades, nossa história, e por conta disso todos nós somos diferentes por possuímos histórias diferentes.

Após essa discussão com os alunos a professora montou um painel intitulado “Estrelas”, que continha, fotos de inúmeras estrelas do esporte, da TV, pessoas importantes no Brasil ou no mundo, o detalhe era que todas as estrelas eram pessoas negras. Após apresentar todas as estrelas, a professora montou um painel e pediu para aqueles alunos que sentisse que tinha algo em comum com o outro cartaz poderiam colar a sua foto no cartaz da sala intitulado de “cartaz das nossas estrelas”. A princípio os alunos ficaram apreensivos, alguns alunos negros colaram suas fotos e explicaram que tinham avós de origem africana. Alguns alunos com alguns traços africanos como tipo de cabelo, tipo do nariz, demoraram para se levantar e colar sua foto no cartaz, mas aos poucos o cartaz foi se enchendo de

estrelas, alguns alunos colaram suas fotos desconfiados e ficaram alguns instantes admirando o cartaz.

Nesta atividade a preocupação principal da professora foi apresentar para os alunos o real sentido do folclore que é a diversidade cultural, mostrando aos alunos que o mundo é composto de vários povos e que cada povo possui seus costumes, história que são específicos formando assim uma cultura. Para Paulo Freire (1976) toda criação humana é cultura um boneco de barro feito por um artesão como uma obra feita por um grande escultor são cultura. A partir dessa ideia não existe cultura superior e nem cultura inferior existem culturas diferentes.

A atividade colocou os alunos em contato com várias culturas, ressaltando assim o significado e a importância da particularidade de cada cultura para cada povo. O conceito de cultura foi apresentado para os alunos através das atividades “como aquisição sistemática da experiência” (FREIRE, 1976, p. 98), ou seja, quando o homem age sobre a sua realidade seja por meio do trabalho este está produzindo cultura, e quando falamos das cultura de um povo estamos falando de sua história do acrescentamento que um povo faz ao mundo.

Nessas atividades os alunos foram convidados a refletirem sobre suas histórias de vida, suas origens e de certa forma sobre sua cultura. As atividades, além de favorecerem a reflexão dos alunos contribuiu para que muitos deles se sentissem donos de uma cultura e uma história.

C) A construção de uma carta:

Esta atividade foi realizada no ano de 2011, em uma sala de 3º ano. No mês de setembro os alunos do terceiro ano foram conhecer o SEST/SENAT (Serviço social de transporte/ Serviço nacional de aprendizagem do transporte) da cidade de Piracicaba, devido a um projeto de trânsito que havia sido realizado na escola neste mesmo mês, promovido pela “Centro Vias”.

O objetivo da visita foi a participação dos alunos nas palestras de prevenção a acidentes de trânsito. As palestras abordaram sobre os cuidados que devemos ter no trânsito ao atravessar a rua bem como o a importância do uso de capacetes para motociclistas e o uso do cinto de segurança; resumidamente a palestra tratou desses assuntos.

Após o término da palestra os alunos, começaram a se organizar para a volta à escola, ao subirem novamente ao ônibus alguns alunos notaram que muitos dos bancos deste estavam com o cinto de segurança quebrado e que não havia lugares suficientes para todas as crianças. Muitos alunos questionaram a professora perguntando por que a Prefeitura havia mandado um ônibus tão velho e fora dos padrões de segurança para a viagem. A professora então sugeriu que os alunos perguntassem para a pessoa responsável pela liberação dos ônibus e propôs que os alunos fossem pensando em uma forma de dar o recado a essa pessoa.

No dia seguinte a professora iniciou a aula provocando os alunos, perguntando a eles se haviam pensado sobre o acontecido do dia anterior e se tinham alguma solução, os alunos ficaram eufóricos muitos queriam ir até a sala da pessoa responsável dar o recado a ela, outros queriam falar com prefeito, mas ainda não sabiam quem era a pessoa responsável pela manutenção e liberação dos ônibus para as escolas.

A professora então explicou aos alunos de forma resumida que na cidade nós temos uma Secretaria da Educação, e que se o objetivo deles era contar o que aconteceu no dia anterior em relação ao ônibus tinham que falar para ela, foi assim que nasceu a ideia da construção de uma carta.

Estava decido que todos de forma coletiva fariam uma carta contando à Secretaria de Educação o que havia acontecido no dia anterior pedindo explicações sobre o estado dos ônibus, os alunos então pesquisaram no livro de português, como era a estrutura de uma carta junto com a professora e juntos foram organizando as ideias. Os alunos aos poucos foram colocando as ideias que achavam pertinente conter na carta e a professora foi as escrevendo na lousa, a partir dessas ideias surgiu a carta:

[Cidade], 26 de setembro de 2011.

Sr Secretária [nome da secretária],

Nós alunos da escola municipal [nome da escola] do período da tarde, queremos avisá-la de que os ônibus escolares que nos levaram ao SEST/SENAT estavam com o cinto de segurança e outros itens quebrados.

Além disso, não tinham lugares suficientes para todos os alunos e professores sentarem. Nós precisamos dividir os bancos em três alunos.

Queremos que a senhora faça a vistoria e conserte os ônibus para que tenhamos segurança quando formos passear.

Os alunos que utilizam ônibus para vir à escola diariamente fazem o mesmo pedido.

Em outubro, talvez façamos um passeio e gostaríamos de fazê-lo com um ônibus seguro.

Esperamos sua resposta.

Alunos do 3º 2.

Após a construção da carta a discussão com os alunos foi de como eles fariam para entregar a carta para a secretária, muitos alunos sugeriram que a carta fosse entregue via correio:

Caderno 2 de registros, 2011.

Aluno: Que tal a gente por no correio Prô?

A professora disse para os alunos que a ideia de entregar por correio era ótima, mas que havia uma maneira mais ágil da carta chegar, nas mãos da secretária. Ela explicou que havia como ir até a sede da prefeitura no bloco da educação e deixar a carta com uma pessoa, responsável por esse serviço. Mesmo assim alguns alunos questionaram:

Caderno 2 de registros, 2011.

Aluno: Mas Prô é se essa pessoa não entregar para a tal secretária, a nossa carta?

A professora então explicou aos alunos que no momento que ela fosse até esse lugar para entregar a carta, ela receberia um documento de segurança chamado “protocolo” que comprovava que realmente ela havia entregado a carta. Os alunos então ficaram aliviados e decidiram que essa era a melhor forma de entregar a carta:

Caderno 2 de registros, 2011.

Aluno: Acho que é melhor entregar a carta pelo tal protocolo mesmo professora.

A professora então se encarregou o mais breve possível de ir até o local protocolar a carta, e no dia seguinte levou o protocolo para os alunos verem.

Passaram alguns dias os alunos estavam curiosos para saber se a secretaria responderia alguma coisa, mas infelizmente o ano letivo terminou e nenhuma resposta foi encaminhada aos alunos.

Um dos principais pontos da atividade descrita acima é a preocupação da professora em fazer com os alunos, conseguiram relacionar os conhecimentos estudados com a realidade presente destes. A preocupação da professora era fazer com que os alunos pensem e reflitam criticamente, exercitando assim a construção da consciência crítica/ transitiva.

A partir do momento em que os alunos conseguiram relacionar os conteúdos trabalhados na palestra com a realidade que eles estavam vivendo, mostra que realmente aqueles conteúdos/informações foram significativas para suas vidas.

A escrita da carta mostrou aos alunos que eles podem transformar a realidade em que vivem, a partir do momento que compreendem a mesma.

Nesta atividade a professora além de aproveitar o contexto real, para estimular a escrita e dar um sentido a esta, ela favorece o posicionamento crítico dos alunos em relação a realidade em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo compreender o conceito de emancipação aplicado à educação, como também entender qual a finalidade e importância de uma educação que favoreça a emancipação dos educandos em nossa atual sociedade a partir da experiência que vivenciei durante o período de dois anos em uma escola fundamental, ao acompanhar o trabalho pedagógico de uma mesma professora.

No primeiro momento deste trabalho refleti sobre minha inserção no cotidiano escolar e sobre os caminhos percorridos nessa inserção. Percebi, através de cartas trocadas com a professora que acompanhei e a partir dos registros sistematizados por mim, qual o sentido de minha presença na sala de aula, tanto para a professora responsável pela sala como para os alunos e principalmente para minha constituição como futura profissional da educação.

No segundo momento deste trabalho o foco foi dado para a compreensão da importância de uma educação emancipadora para nossa atual sociedade, e acabei por compreender que a necessidade desta é imprescindível uma vez que vivemos em uma sociedade democrática, onde o principal impulso para as transformações é o posicionamento crítico do sujeito diante dos acontecimentos da realidade.

No terceiro momento deste trabalho me debrucei sobre as obras de Paulo Freire a fim de compreender e sistematizar o conceito de emancipação aplicado à educação. Para tal sistematização, foi preciso entender a relação que o homem estabelece com o mundo e com sua cultura e, a partir dessa relação, como este constrói a consciência crítica diante desse mundo, e qual o papel da educação nesse processo de humanização do sujeito.

Na segunda parte deste capítulo narrei algumas práticas pedagógicas da professora que acompanhei e posteriormente refleti sobre as contribuições das mesmas na formação dos educandos no sentido de pensar na emancipação destes educandos.

Ao me debruçar sobre a compreensão do conceito de emancipação, foi possível compreender a importância de uma prática educativa pautada no diálogo, na afetividade, na significância, para o favorecimento da emancipação do sujeito, porém, como considerado por Freire (1976), não podemos ser ingênuos e acreditar que o verbo emancipar se conjuga, pois ninguém emancipa ninguém, a prática

educativa do educador tem em si apenas a potencialidade de favorecer esse movimento de emancipação.

As práticas da professora me fizeram pensar na educação como emancipação especialmente pelo seu olhar atento ao contexto social e às histórias de vida de seus alunos, e pela constante preocupação da professora em promover desafios aos alunos no sentido de provocá-los a ir além de suas concepções e crenças.

O diálogo, por sua vez, sempre esteve presente nas práticas da professora, pois esta em todo momento questionava e chamava os alunos para participar das discussões, relacionando os conteúdos discutidos com as experiências de vida dos alunos, favorecendo uma relação horizontal entre professora e alunos, onde juntos ambos construíam conhecimentos. Os conhecimentos tinham uma ligação íntima com a vida dos alunos.

A professora, a todo momento, durante a realização das atividades sempre estimulava os alunos a questionarem favorecendo assim a criticidade .

A preocupação da professora sempre estava muito além de transmitir o conhecimento socialmente acumulado a seus alunos, sua preocupação era que seus alunos se tornassem sujeitos críticos que soubessem se posicionar diante das coisas dos acontecimentos da vida como um todo.

As práticas da professora e a relação que esta estabelecia com seus alunos fugia totalmente dessa condição e que já foi considerada no corpo deste texto:

- a) que o educador é sempre quem educa; o educando, o que é educado;
- b) que o educador é quem disciplina; o educando, o disciplinado;
- c) que o educador é quem fala; e educando é quem fala; e o educando, o que escuta;
- d) que o educador prescreve; o educando segue as prescrições.
- e) que o educador escolhe o conteúdo dos programas; o educando o recebe na forma de “depósito”;
- f) que o educador é sempre quem sabe; o educando, o que não sabe;
- g) que o educador é o sujeito do processo; o educando, seu objeto(FREIRE, 1997,p.128).

Primeiro porque a todo o momento a professora convidava os alunos para que participassem das atividades, colocando suas ideias, suas experiências, suas impressões e porque em nenhum momento, teve a intenção de impor os

conhecimentos aos alunos a fim de transmiti-los. A relação que a professora estabelecia com seus alunos não estava articulada a pensar em “um educador do educando” ou em “um educando do educador”, mas estava articulada a pensar em uma relação que apostava na seguinte condição: “um educador-educando com um educando-educador”.

A partir dessas observações e dos estudos realizados, acredito que as práticas da professora que aqui foram socializadas permitem estabelecer relações com a educação emancipadora, por colocar os alunos em situações questionadoras, problematizadoras, que por sua vez podem favorecer a consciência crítica, pois segundo (FREIRE, 1976) a educação emancipadora tem como condição fundamental o despertar da consciência crítica dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto 1994.
- CHALUH, L. N. Percursos na formação inicial de professores. In: CHALUH, L. N. (Org.) **Escola-Universidade: olhares e encontros na formação de professores**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.
- EZPELETA E.; ROCKWELL J. A escola como: relato de um processo inacabado de construção. **Revista currículo sem fronteiras**. Vol.7, n.2, p.131-147, 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas e pesquisa social**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, p.20-28, 2002.
- LIBÂNEO, J.C. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. São Paulo: Loyola, 1984.
- FREIRE, P. **Educação como prática para a liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra LTDA, 1997.
- _____. **Papel da educação na humanização**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo. Paz e terra, 2005.
- _____. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo. Paz e terra, 1994.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo. Paz e terra, 1998.
- _____. **Professora sim tia não**. São Paulo: Olho d'água 1997.
- MIZUKAMI, M.G.N. **As abordagens do processo de ensino**. São Paulo: EPU, 1986.
- PARO, V. Educação para a democracia: o elemento que faltava na discussão da qualidade do ensino. **Revista portuguesa de educação**. Vol.13. n. 001, Universidade do Minho, Braga, Portugal, p.23-38, 2000.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20/12/1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB.

_____. Constituição (1988). Emenda constitucional nº 9, de 9 de novembro de 1995.

ZANFELICE, C.C. Experimentação de ofício. Professora proponente, crianças provocadoras. **Revista Versão Beta**. Ano. IX, n. 62, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil, p.07-23, 2011.